

A presença da Antropologia na Faculdade de Ciências Econômicas (1953-1966)



O Curso de Sociologia e Política na Faculdade de Ciências Econômicas foi instituído em agosto de 1952 e inicia seu primeiro semestre em 1953. Darcy Ribeiro proferiu a aula inaugural do curso, cujo tema foi o conceito antropológico de cultura. Antropologia e Etnologia fez parte do grupo inicial de disciplinas do curso.

A situação do ensino de Antropologia se mantém nessa escola até 1967, quando se fundem os cursos de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas e o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia. O currículo é modificado; professores e alunos adaptados a ritmos de trabalho intelectual diferentes são reunidos agora em um só departamento. Entre 1953 e 1966, a FACE contou com três professores de Antropologia.

CID REBELLO HORTA (1917-1962)

Cid Rebello Horta, mineiro de Viçosa, foi o primeiro professor de Antropologia do Curso de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas. Cid formou-se em Direito na UFMG (1939) e em Geografia e História em 1952, na Faculdade de Filosofia. Cid trabalhou nos jornais O Diário e Folha de Minas e foi colaborador do Diário de Minas.



De volta do alívio ao Murilo
do Rubião por motivo da
sua formatura.

24 - jan. - 43.

Cid Rebello Horta é o segundo em pé, da esquerda para a direita, ao lado de Murilo Rubião (assinalado com o x). Sentado, abaixo, está Otto Lara Resende. Foto de 1943. Arquivo Público Mineiro.



PROGRAMA DE CURSO DE CID REBELLO HORTA [1958]

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DA
UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
Belo Horizonte, M. G. — Brasil

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DA
UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
Sede:
Rua Curitiba, 832
Belo Horizonte, M. G. — Brasil

PROGRAMA
DE
Antropologia e Etnologia

1958

Cid Rebello Horta

Belo Horizonte
1958

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DA
UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

Cursos de Sociologia e Política

PROGRAMA
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

1 — Natureza e objeto da Antropologia: 1. O que é a Antropologia. 2. A evolução histórica da teoria antropológica: conceitos e métodos. 3. O tema central da moderna Antropologia.

2 — Divisão do campo da Antropologia: 1. A dupla herança do homem dividindo o campo do estudo da Antropologia. 2. Definição e conceito de Antropologia Física ou Biológica. 3. A Antropologia Cultural ou Etnologia: seu campo de estudo. 4. A Antropologia Social. 5. Disciplinas auxiliares: Paleontologia Humana, Arqueologia, Etnografia. 6. O problema da unidade do estudo da Antropologia.

3 — Unidade das Ciências Sociais e o lugar da Etnologia: 1. As ciências sociais e a realidade da

PROGRAMA DE CURSO DE CID REBELLO HORTA

[1958]

— 4 —

vida social. 2. Como se caracterizam as diferentes disciplinas sociais. 3. Fatores determinantes da unidade das pesquisas sociais. 4. O lugar da Etnologia no quadro unificado das Ciências do Homem.

4 — O passado biológico do Homem: 1. A origem do homem e o problema da evolução biológica. 2. A genética moderna e a evolução: mutação, seleção natural, herança de caracteres adquiridos. 3. Lugar do homem na escala animal: o homem e os primates. 4. O achado fóssil e a evolução da vida. 5. Evolução dos hominídeos segundo o testemunho paleontológico. 6. Homo Sapiens Fossilis.

5 — A evolução cultural do Homem: 1. O desenvolvimento pré-histórico da Cultura e as dificuldades de sua reconstituição. 2. O esquema clássico da evolução cultural e sua crítica. 3. Os esquemas da evolução cultural propostos por Morgan, Gordon Child e Leslie White. 4. Cultura e civilização. 5. Conceito de primitivo.

6 — A herança biológica do Homem: 1. Conceito de raça segundo a moderna Antropologia: o que é e o que não é raça. 2. O mecanismo da hereditariedade e as diferenças físicas entre os homens. 3. Origem e formação das raças humanas: a hereditariedade e o meio geográfico. 4. Separação e fusão de raças: migrações, contatos, «círculos de casamento». 5. A Antropometria e os caracteres de diferenciação racial. 6. Os grupos sanguíneos e sua significação antropológica. 7. As grandes raças vivas e os sub-grupos raciais que as compõem. 8. A Declaração da Unesco sobre a Raça.

7 — Estudos brasileiros da Paleontologia Humana: 1. O problema da origem do homem america-

— 6 —

Cultura. 2. A tecnologia e a exploração dos recursos naturais. 3. Características básicas dos sistemas econômicos primitivos. 4. Economias de subsistência e economia de excedentes: a «classe ociosa». 5. Excedente econômico, consumo de ostentação e prestígio social.

13 — Sistemas associativos da cultura: 1. A natureza social do homem: agrupamento, interação, sociedade. 2. Organização social: status e papel. 3. Associações humanas: família e parentesco. 4. Associações humanas não baseadas no parentesco. 5. Autoridade e controle social.

14 — Sistemas ideológicos da cultura: 1. O Homem e o Universo: o saber objetivo e o saber subjetivo nas sociedades humanas. 2. Fontes do saber religioso: Mitologia, Religião, Magia. 3. Práticas religiosas. 4. Religião e Sociedade. 5. O impulso estético nas sociedades humanas: natureza e definição do fenômeno artístico. 6. Arte e sociedade. 7. Os ideais éticos. 8. Ethos.

15 — Teorias da cultura: o Evolucionismo: 1. Teoria, ciência e pesquisa. 2. O evolucionismo cultural e seus fundamentos. 3. Morgan e Bastian e a teoria evolucionista. 4. O néo-evolucionismo.

16 — Teorias da cultura: o Difusionismo: 1. A teoria difusionista da cultura e as diversas correntes que a compõem. 2. A Escola Histórico-Cultural e seus postulados. 3. Características da escola difusionista americana. 4. Área cultural e etapa cultural.

17 — Teorias da cultura: o Funcionalismo: 1. Reação anti-histórica no estudo da Cultura: o Funcionalismo e seus fundamentos. 2. Malinowski e o funcionalismo. 3. O funcionalismo segundo Radcliffe

— 5 —

no. 2. As pesquisas paleontológicas de Lund e de seus discípulos: o Homem de Lagoa Santa, o Homem de Confins. 3. Estudos sobre Sambaquis: o Homem dos Sambaquis. 4. O Homem das Estearias.

8 — Conceito e preconceito de Raça: 1. Fatores emocionais determinantes do preconceito de raça. 2. O etnocentrismo: conceito. 3. Estereótipos raciais. 4. Preconceito de raça e discriminação racial. 5. As ideologias raciais no Brasil e nos Estados Unidos.

9 — A mestiçagem e o problema da classificação racial da população brasileira: 1. Situação atual do problema da mestiçagem no mundo e no Brasil. 2. Componentes raciais da população brasileira. 3. Os centros iniciais da mestiçagem no Brasil. 4. Evolução racial da população brasileira segundo os Censos: sua crítica. 5. Distribuição atual da população brasileira segundo a cor. 6. Tentativas de classificação racial da população brasileira. 7. Perspectivas da mestiçagem no Brasil.

10 — Raça, linguagem e cultura: 1. Estudo das relações entre os três fenômenos. 2. Origem e natureza da Linguagem. 3. Raça e cultura: distinção. 4. Cultura e Linguagem: a interconexão existente entre os dois fenômenos.

11 — Conceito de cultura: Definição de Cultura: seu conceito científico. 2. Cultura e sub-culturas. 3. A teoria da Cultura de Herskovits. 4. O fenômeno da integração cultural: seus estudos e métodos de investigação. 5. A participação dos indivíduos na Cultura, segundo Ralph Linton. 6. Sistemas da Cultura.

12 — Os sistemas adaptativos da cultura: 1. As relações do homem com o «habitat» e o papel da

— 7 —

Brown: função e estrutura social. 4. Outros funcionalistas.

18 — Contato e assimilação: 1. Papel do isolamento e do contato na evolução cultural: cultura de «folk» e civilização. 2. Competição e conflito em situações de contato. 3. As várias fases da transmissão cultural: difusão e aculturação. 4. Acomodação e assimilação. 5. Minorias raciais e culturais. 6. O homem marginal.

19 — Contatos raciais e culturais no Brasil: 1. Carater geral da colonização do Brasil. 2. Contribuição do indígena à cultura brasileira. 3. Características culturais dos grupos negros introduzidos no Brasil. 4. O português na formação cultural brasileira. 5. Características culturais dos principais contingentes imigratórios do país: os alemães, os italianos, os japoneses.

20 — Estudos de aculturação no Brasil: 1. Estudo sobre a aculturação dos alemães. 2. Estudos sobre a aculturação dos japoneses. 3. A aculturação negra. 4. O problema da assimilação do índio no Brasil.

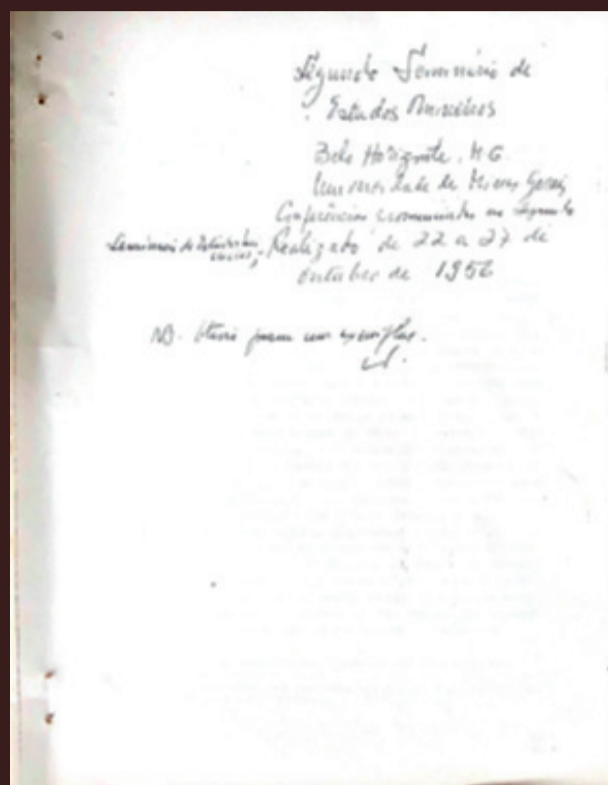
Belo Horizonte, 24 de Janeiro de 1958.

A comissão:

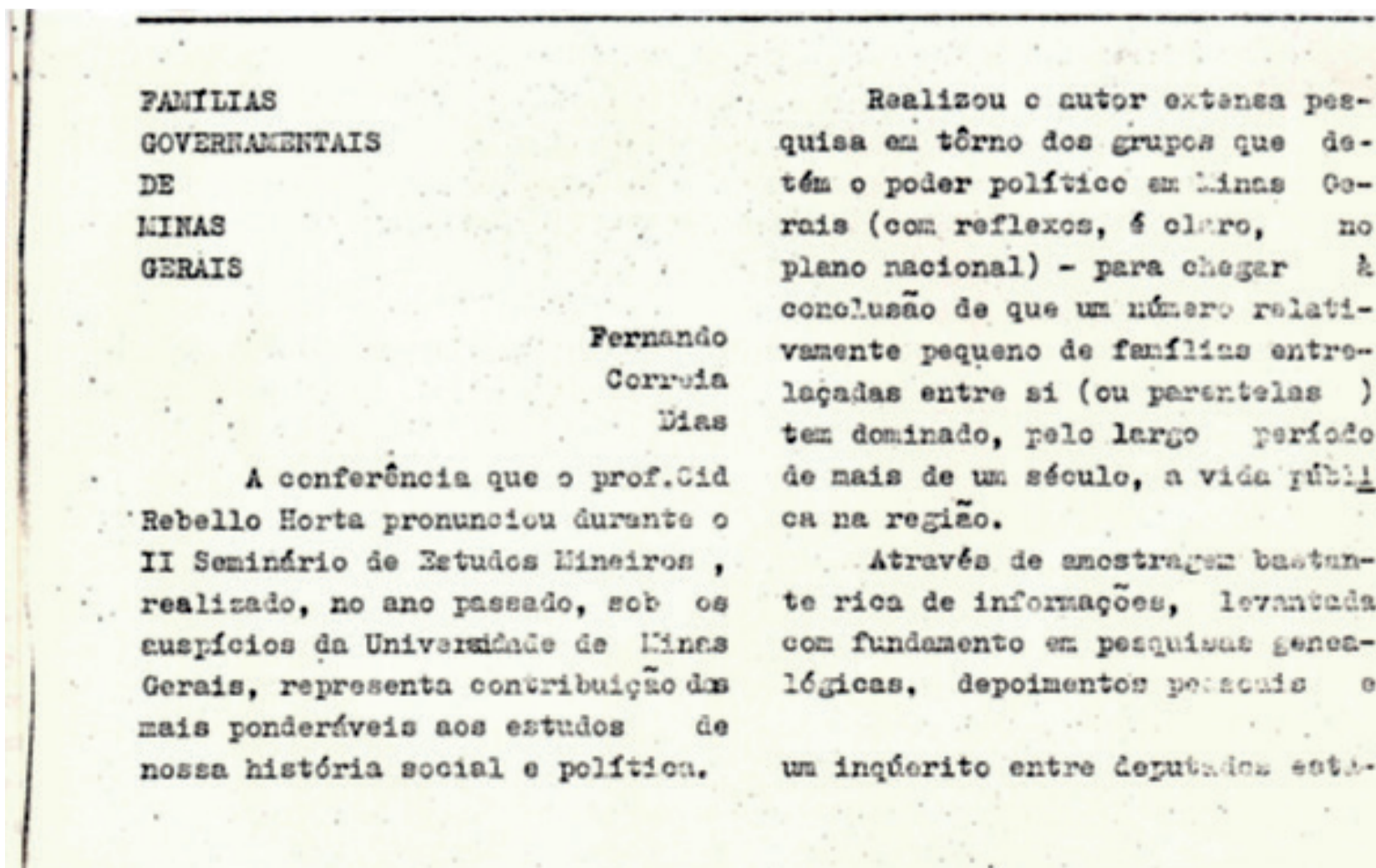
Abel Fagundes
Emílio Guimarães Moura
Petronio de Assis Fonseca

Aprovado pela Congregação da Faculdade, em reunião de 28 de fevereiro de 1958.

Capa e primeira página de Famílias governamentais de Minas Gerais (1956), principal obra de Cid Rebello Horta



Até sua morte repentina em janeiro de 1962, a atividade de Cid Rebello Horta como professor da matéria que ocupava o primeiro ano do curso deixou excelentes impressões em seus alunos, como o demonstram as homenagens de Marcos Magalhães Rubinger e Fernando Corrêa Dias.



Primeira página do texto de Fernando Corrêa Dias, publicado em Quatro Homenagens.

CID
REBELLO
HORTA,
O
ANTROPÓLOGO

Marcos
Magalhães
Rubinger

Com a morte de Cid Rebello Horta, ocorrida no dia 3 de janeiro próximo passado, perdeu a Antropologia brasileira uma das suas figuras mais promissoras.

A Parca impiedosa e cruel roubou o cientista social ao convívio daqueles que o estimavam como filho, esposo, pai, parente, amigo e, sobretudo, como homem de ciência.

Um vácuo imenso nos invadiu a mente e nossa inteligência ainda se recusa a acreditar no inevitável. Mas, tal é a condição humana: viver, lutar, morrer. A morte, no seu perambular sombrio e irruptivo, não respeita nem mesmo os fortes; por isso caiu Cid Rebello Horta quando ainda no auge da luta.

É difícil falar dos valores do cientista social. Para vencer as dificuldades não poupamos esforços, mas seguros não estamos de ter atingido a finalidade proposta: falar de quem tanto merece.

Aquêles que me lêem e que conheceram Cid de perto, julgarão com justeza e acerto o pouco que podemos fazer.

Sua especialização foi a Antropologia Cultural. Nesse campo devemos-lhe magníficos ensinamentos. Foi Cid quem assentou os primeiros marcos de uma orientação superior no campo da Antropologia em nosso Estado. Sua personalidade e seu ambiente antropológico devem ser fixados em balanço do que foi sua obra no campo dessa disciplina.

Essa tarefa, já afirmamos, não se inscreve entre as mais fáceis, pois não será fácil superar tantos quantos já louvaram Cid através da pena. Para uns, Cid foi jornalista; para outros, jurista ou especialista em economia regional; antes de tudo, ele foi um mestre da Antropologia, de insuperáveis qualidades.

Fazendo-se professor, ele não conheceu maior satisfação. O ensino empolgava-o e ele era admirado pelas gerações mais novas, que se entusiasmavam com a sua fluência, sua palavra maravilhosa e rica de conteúdo, graças ao grande armazém de saber que era, ao forte cunho de sua originalidade e ao sabor personalíssimo das suas explanações.

Ministrava as aulas da cadeira de Antropologia e Etnologia do Curso de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais. Nessas aulas sentia-se incitado a colocar o homem inteiro em causa, em cada um dos exemplos particulares, consubstanciados na sua dupla herança: biológica e social.

Cid, todavia, quase nunca se

A V Reunião Brasileira de Antropologia em 1961

Cid Rebello Horta e Darcy Ribeiro foram amigos e colaboradores e seria o professor da FACE o coordenador da comissão que organizou a V RBA, em Belo Horizonte, no ano de 1961.

O evento aconteceu entre os dias 26 a 30 de junho, com a programação diurna ocorrendo na Colônia de Férias do SESC, em Venda Nova, e as conferências noturnas no Auditório da FACE, localizada na Rua Curitiba, no centro da capital.

Os jornais *Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *Folha de Minas*, *Folha da Tarde* e *O Diário* informam sobre a sessão solene de inauguração ocorrida no dia 26 de junho, segunda-feira, no salão de festas da Colônia de Férias do SESC.

Em seguida, houve o almoço oferecido aos congressistas (quase uma centena) pelo prefeito Amintas de Barros no late Tênis Clube, na Pampulha. No mesmo dia, foi inaugurada às 18 horas, no salão amarelo do Banco Mineiro da Produção, a exposição sobre Arte Negra. Às 20h30, na Faculdade de Ciências Econômicas, aconteceu a “erudita conferência” de Herbert Baldus sobre a “Bibliografia Etnológica de 1953 a 1960” (*Diário de Minas*, 27 de junho de 1961, p. 10).

Aconteceu na manhã do dia 27 de junho o seminário sobre “Antropologia Cultural”. Foram apresentados trabalhos sobre comunidades rurais brasileiras e resultados de investigações que o Centro de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro realizou em várias localidades do país para definir “o novo sistema de educação de base do Brasil”. Na parte da tarde, Edson Carneiro (Universidade do Brasil) conduziu o seminário “Antropologia e Folclore”. À noite, ocorreu a conferência de Eduardo Galvão, tendo sido apresentado por Cid Rebello Horta.

À noite, no cinema do SESC foram exibidos filmes etnográficos sobre “os principais aspectos da vida dos índios Xetá, do Paraná; Urubu-Kaapor, da Amazônia e Bororos, do Mato Grosso” (*Estado de Minas*, 27 de junho de 1961, p. 1). Darcy Ribeiro foi o comentarista dessa apresentação.

A sessão solene de encerramento da V RBA aconteceu no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas no dia 30 de junho de 1961. A nova diretoria eleita (Herbert Baldus, Joaquim Mattoso Câmara Júnior e Luiz de Castro Faria) foi empossada pelo próprio governador Magalhães Pinto. A seguir, Cid Rebello Horta leu o relatório geral da reunião que se encerrava, quando resumiu que houve quatro conferências públicas e nove comissões de estudo com os seguintes títulos: etnologia indígena, antropologia cultural brasileira, antropologia e folclore, linguística comparativa e descritiva, arqueologia brasileira, política indígena, política imigratória, ensino de antropologia e antropologia física e populações paleo-ameríndias (*Diário da Tarde*, 1 de julho de 1961, p. 4).

Darcy Ribeiro leu a prestação de contas da gestão que se concluía. Encerrou-se o evento com o discurso do governador Magalhães Pinto.

Terceira Edição
8 Junho 1961

ESTADO DE MINAS

(ORGO DOS DIARIOS ASSOCIADOS)

BELO HORIZONTE, TERÇA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1961

Cr\$ 8,00

ANO XXXIV

NUM. 14.078



Dois aspectos da abertura da reunião de Antropologia, vendo-se, quando falavam, os professores Darcy Ribeiro e Manuel Diegues Junior.

Em tôdas as áreas está presente a administração de Belo Horizonte

Expressivo discurso do prefeito Amintas de Barros na homenagem aos participantes da Reunião Brasileira de Antropologia — Humildade e coragem moral

Na homenagem aos participantes da Reunião Brasileira de Antropologia, o prefeito Amintas de Barros, em discurso, falou sobre a importância da ciência para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

CERTAME REUNE ANTROPOLOGISTAS NA CAPITAL

Primeira sessão de estudos foi sobre etnologia indígena

Instalou-se ontem na Capital a V Reunião Brasileira de Antropologia, certame científico que trouxe a Minas perto de uma centena de professores universitários e especialistas procedentes de diferentes partes do País.

A sessão, que se realizou no salão de festas da Colônia do BECC, onde se acham hospedados os congressistas, compareceu, além dos participantes do certame, grande número de autoridades, entre as quais se destacavam o capitão José Vicente Bracarense, representante do governador do Estado, o prof. Orlando de Carvalho, reitor da UFMG, o prof. Artur Veloso, diretor da Faculdade de Filosofia, o prof. João Barbosa, representante a diretoria da Faculdade de Ciências Econômicas, o prof. Ovídio Orneli de Castro, representante da diretoria da Faculdade de Medicina, o sr. Exaltado Marques André, vice-presidente da Federação do Comércio, e inúmeros outros professores universitários e cientistas mineiros.

Como parte integrante da Reunião Brasileira de Antropologia, instalou-se, ontem, em uma das salas do Banco Mineiro da Produção, a exposição de arte negra, o flagelo da abertura, sob a direção de...

Em sua sessão, o chefe do Departamento de Antropologia, o prof. Darcy Ribeiro, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

COLEÇÕES ETNOGRAFICAS DE GRANDE VALOR NA EXPOSIÇÃO DE ARTE NEGRA

Instalou-se ontem, às 18 horas, no salão amarelo do Banco Mineiro da Produção, a Exposição de Arte Negra, o flagelo da abertura, sob a direção de...

A exposição, que se realiza nesta Capital sob os auspícios da Prefeitura Municipal, apresenta uma coleção de arte negra de grande valor etnográfico e artístico, reunida por...

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

INAUGURAÇÃO

O ato contou com a presença de autoridades e representantes de instituições científicas e universitárias da Capital, de dirigentes do Banco Mineiro da Produção e de todos os participantes da V Reunião Brasileira de Antropologia, que se realiza nesta Capital sob os auspícios da Prefeitura Municipal.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

NOVAS INDÚSTRIAS SEM SIMILAR PARA MINAS

Em decorrência de lei 323, de 7 de janeiro último, que concede incentivos à indústria sem similar em Minas, várias empresas do setor de manufatura, sob o patrocínio do Departamento de Indústria e Comércio, estão desenvolvendo pesquisas para a criação de novas indústrias sem similar em Minas.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Amintas de Barros, prefeito de Belo Horizonte, afirmou que a ciência é o fundamento para a administração pública, especialmente no que se refere à urbanização e ao desenvolvimento econômico da cidade.

Representante da União na USIMINAS

BRASÍLIA, 26 — (M.) — Foi eleito pelo presidente para diretor da Usiminas, como representante do Governo, o sr. Nilson Paul de Souza, diretor da Usiminas, em substituição ao sr. João de Deus, diretor da Usiminas, falecido em decorrência de uma doença.

KENNEDY AINDA DE MULETAS

WASHINGTON — Na quarta-feira, o presidente Kennedy se dirigiu ao Aeroporto de Washington, onde discursou durante um momento antes de embarcar para o Brasil. Kennedy se dirigiu ao Aeroporto de Washington, onde discursou durante um momento antes de embarcar para o Brasil.

Christian Dior

DR. JOAQUIM M. DE QUEIROZ
MEDICO OCUARISTA
CURSO DE Especialização em Oftalmologia (Universidade Federal de Minas Gerais)
Consultório: Rua do Ouvidor, 133 - 131 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Telefone: 4-8221 - Horário: das 14 às 18 horas

DENTADURAS ANATOMICAS ESPECIALISTA

DR. J. SANTOS BICALHO
RUA OTOCÁVALOS 13 - ESQUINA DE BARRA.
TELEFONE: 2.1236

AGORA, QUE VOCÊ JÁ SABE O QUE É UM MOTEL...

basta colocar seu nome e endereço no cupom abaixo, para ganhar

130.000,00

(UM "CARNET" DE CRÉDITO NO VALOR DE 100.000,00 É UMA COTA DE SOCIO-PROPRIETÁRIO DO MOTEL CLUBE M. GERAIS, NO VALOR ATUAL DE 30.000,00)

COLOQUE OS CUPONS NA URNA LOCALIZADA À AV. AMAZONAS, 553

Os concorrentes do interior poderão enviar os cupons pelo correio. SORTEIO PELA TV ITACOLMI, EM 15 e 20 de junho. HORÁRIO A SEREM PRÉVIAMENTE ANUNCIADOS.

Carta patente 333

POR QUE PREFERIR UM MOTEL?

RESPOSTA: Porque está situado em locais privilegiados — Alameda em viagem, v. se sentir como em seu próprio lar — Possuem amplas áreas para estacionamento de veículos, piscinas, "play-ground", campos esporte, etc.

POR QUE FOI ESCOLHIDO ÁGUA LIMPA PARA CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO GRUPO DE MOTEL?

RESPOSTA: Porque está situado próximo dos principais pontos turísticos do país — Possui magnífico lago artificial, com águas puríssimas, para a pesca, a natação e os folguedos de praia — Possui clima tropical em sua beleza, a 1.100 metros acima do nível do mar.

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
CIDADE: _____ ESTADO: _____

MARCOS MAGALHÃES RUBINGER (1934-1975)

Após a morte de Cid Rebello Horta, seu ex-aluno assumiu a cadeira de Antropologia na FACE. Marcos Rubinger recebeu treinamento especializado em Antropologia no Museu Nacional, pois integrou a segunda turma do curso coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, em 1961. Como parte das atividades do curso, realizou pesquisa de campo entre os Suruí e os Gavião, sob a coordenação de Roque Laraia e Roberto da Matta, em companhia de Júlio Cezar Melatti. Preso e exilado pelo regime militar, Rubinger faleceu em 1975.

Enquanto trabalhava na FACE/UFMG, Rubinger estava em plena atividade de pesquisa, associado ao grupo de excelência em Antropologia formado em torno de Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria. O Curso de Especialização em Antropologia Social organizado no Museu Nacional foi uma novidade na antropologia brasileira.

Novas referências teóricas e treinamento obrigatório em pesquisa de campo, sobretudo em etnologia indígena, foram as marcas do curso de pós-graduação ao qual Marcos Rubinger se integra. Na visão de Roberto Cardoso de Oliveira, seus alunos, oriundos de diversos estados, poderiam retornar e difundir novos ares para o ensino e a pesquisa antropológica. O aluno de Belo Horizonte foi recebido com a expectativa de que “ele fosse uma pessoa que levasse, nesse caso era uma nova orientação de antropologia, uma antropologia social, que naquele tempo ainda tinha dificuldade de se integrar ao establishment” (entrevista a Candice Vidal e Souza, 22/03/2005).

De acordo com seu professor, Marcos Rubinger foi um bom aluno e iniciava ali uma “carreira de futuro”. Percebia nele uma preocupação institucional, “de querer fazer algo em antropologia em Minas”. Seria “provavelmente uma das pessoas a organizar, a modernizar, eu diria, a antropologia em Minas Gerais” (entrevista a Candice Vidal e Souza, 22/03/2005).

A PESQUISA DE CAMPO ENTRE OS MAXACALI (1962 E 1963)



Marcos Magalhães
Rubinger ao lado de
casa tradicional
Maxacali.

(data provável, 1962)



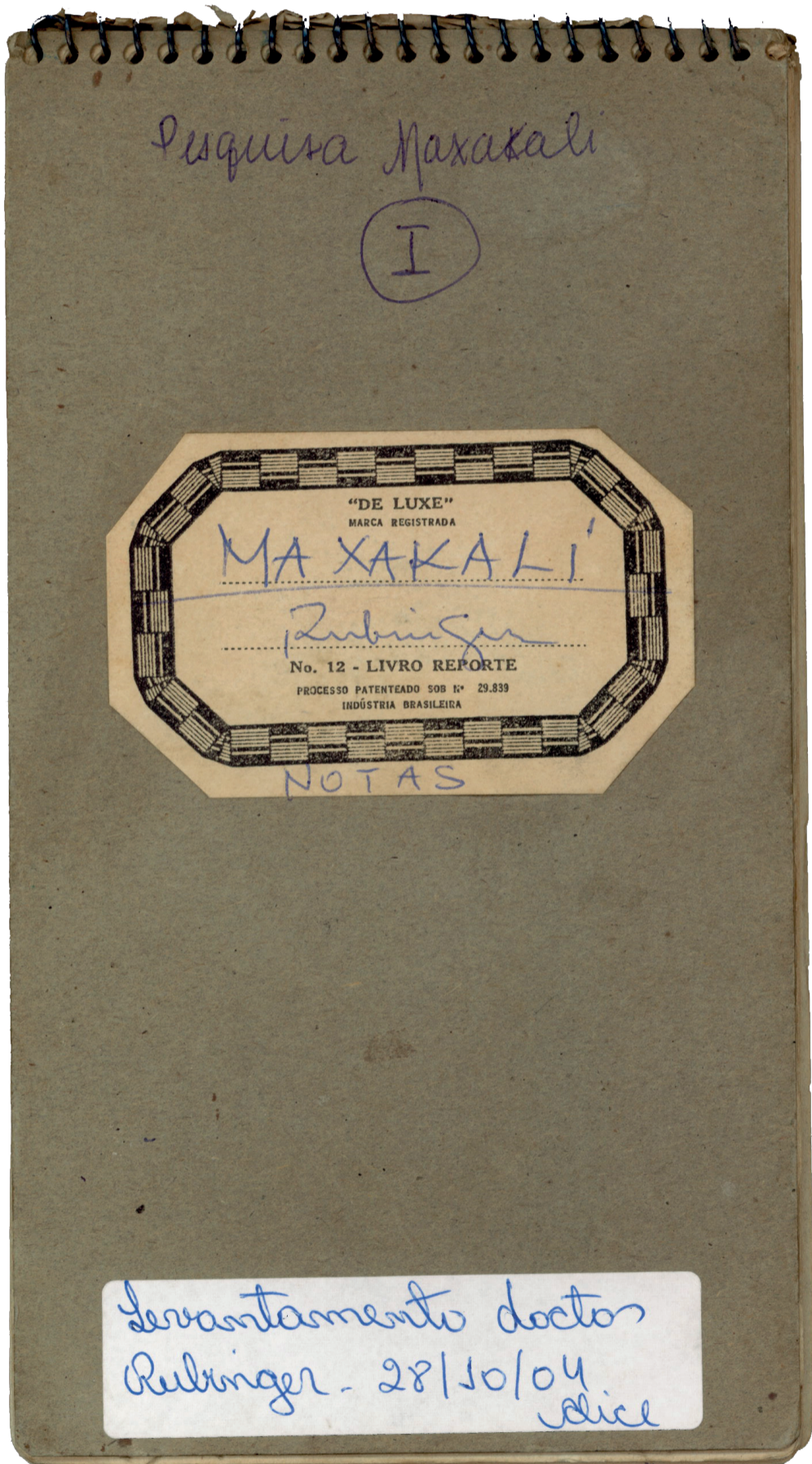
Marcos Magalhães
Rubinger com
família Maxacali.



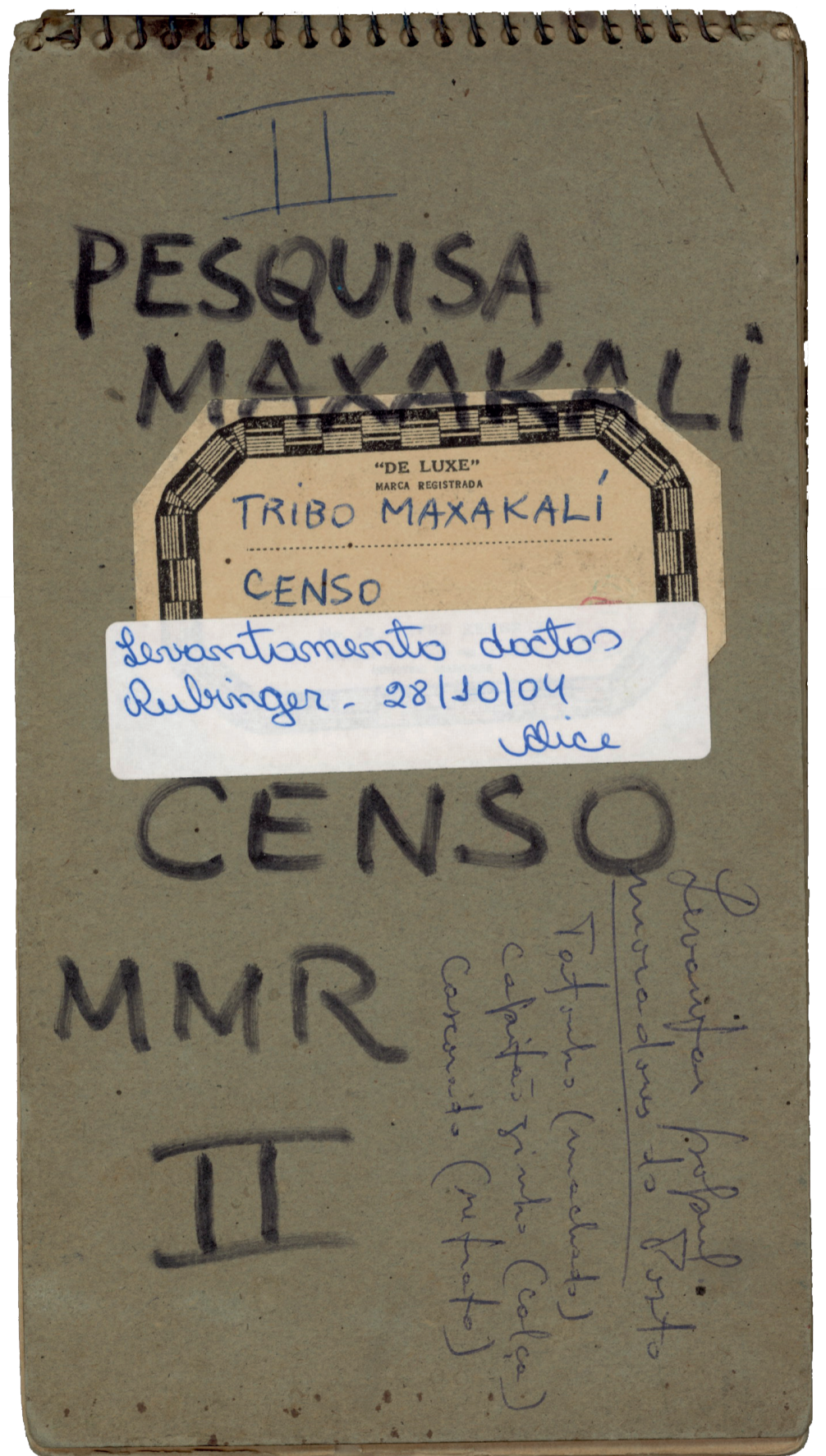
Marcos Magalhães
Rubinger e Adolfo,
costureiro da tribo. Posto
Indígena Engenheiro
Mariano de Oliveira.

A PESQUISA DE CAMPO ENTRE OS MAXAKALI (1962 E 1963)

CADERNETA DE CAMPO:



CENSO MAXAKALI:



DIÁRIO DE CAMPO:

PESQUISA
MAXAKALI

MARCOS M.
RUBINGER

DIÁRIO DE
CAMPO

1

Levantamento de dados
Rubinger - 28/10/64
Rio de Janeiro

PESQUISA MAXAKALI
NOTA INTRODUTÓRIA — Vou realizar
uma pesquisa etnológica em
duas aldeias indígenas. Os objetivos,
os métodos, as técnicas de investigação
e as hipóteses de trabalho foram
fixados em um projeto que elaborei
para satisfazer interesses meus e da
Divisão de Etnopopologia do Museu
Nacional (Universidade do Brasil).
O referido projeto foi publicado pela
Faculdade de Ciências Econômicas da
Universidade de Minas Gerais, refe-
re-se à Tribo Maxakali, localiza-
da no Nordeste de Minas Gerais e re-
presentada pelas aldeias de Água Boa
e Pradinho.
Espero viajar no dia 10 de julho
de 1962 por rodovia, até Água
Formosa. De lá, até as Aldeias,
alugarei casas...



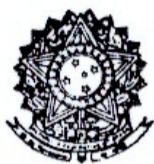
Certificado da Especialização em Antropologia Cultural/Museu Nacional

DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS DE MARCOS RUBINGER

Os alunos de Marcos Rubinger se recordam de aulas instigantes e divertidas. O que mais lhes marcou foi a intenção do professor de chocar, de questionar valores arraigados, de usar palavras incomuns para a época. Deve-se notar que o curso da FACE atraía muitas mulheres. Dentre elas, Maria Stella Grossi Porto conta que Rubinger era irreverente e tratava de “temas chocantes” para a época. Na sua impressão, parecia que o professor se atribuía às aulas de Antropologia a missão de “desmistificação do mundo”, a derrubada de tabus (entrevista a Candice Vidal e Souza, 29/10/2004).

O historiador José Murilo de Carvalho foi aluno de Marcos Rubinger em 1962. Embora a Antropologia fosse “secundária” no curso de Sociologia e Política, José Murilo nota que Rubinger se destacava como professor por sua dedicação, por “falar com muita pompa”. Tornou-se um professor “marcante porque tinha posições muito marcadas”. É definido pelo ex-aluno como materialista militante. Usava expressões na sala de aula que na época “não era prudente se usar”, relacionadas a sexo; falava de incesto, um tema antropológico que chocava alguns alunos. Para exemplificar práticas da antropologia do século XIX, Rubinger mediu a cabeças dos alunos. José Murilo diz, com ironia, que o resultado decepcionante de suas medidas o fizeram descreer das teorias racistas (entrevista a Candice Vidal e Souza, 14/12/2004).

PROGRAMA DE CURSO DE MARCOS RUBINGER



FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE, M. G.

CURSOS DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA - 1963

I - ANTROPOLOGIA GERAL

- 1) Desenvolvimento, natureza e objeto da Antropologia
- 2) Evolução biológica do Homem.
- 3) Evolução Cultural do Homem.
- 4) Herança Biológica, Raça e Racismo.
- 5) Conceito de Cultura.
- 6) Sistemas Adaptativos da Cultura.
- 7) Sistemas Associativos da Cultura.
- 8) Sistemas Ideológicos da Cultura.
- 9) Teorias da Cultura; Evolucionismo, Difusionismo, Funcionalismo.
- 10) Contato, Acluturação e Assimilação.
- 11) Noções de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social.

II ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

- 1) Formação étnica e Cultural da Sociedade Brasileira.
- 2) Regiões Culturais do Brasil.
- 3) Antropologia Aplicada: Políticas: indigenista, imigratória e racial.
- 4) Aspectos da Evolução da Etnologia no Brasil.

Marcos Magalhães Rubinger
Professor da cadeira

BIBLIOGRAFIA BÁSICA DE ANTROPOLOGIA

- 1) M.HERSKOVITS: El Hombre y sus Obras (Fondo de Cultura)
- 2) S.F.Nadel: Fundamentos de Antropologia Social (Fondo)
- 3) A.Hoebel: Man in the Primitive World (Mac Graw Hill)
- 4) Keesing: Antropologia Cultural (Fondo)
- 5) Juan Comas: Antropologia Física (Fondo)
- 6) Leslie White: The Science of Culture (Farrar, Strauss and Co.)
- 7) C. Kluckhohn: Antropologia (Fondo)
- 8) G.P.Murdock: Social Structure (The Mac Millan Co.)
- 9) Florestan Fernandes: A Etnologia e a Sociologia no Brasil (Artemís)
- 10) Thales de Azevedo: Ensaio de Antropologia Social.
- 11) C.L.Strauss: Antropologia Estutural (Plon)

REVISTAS BÁSICAS

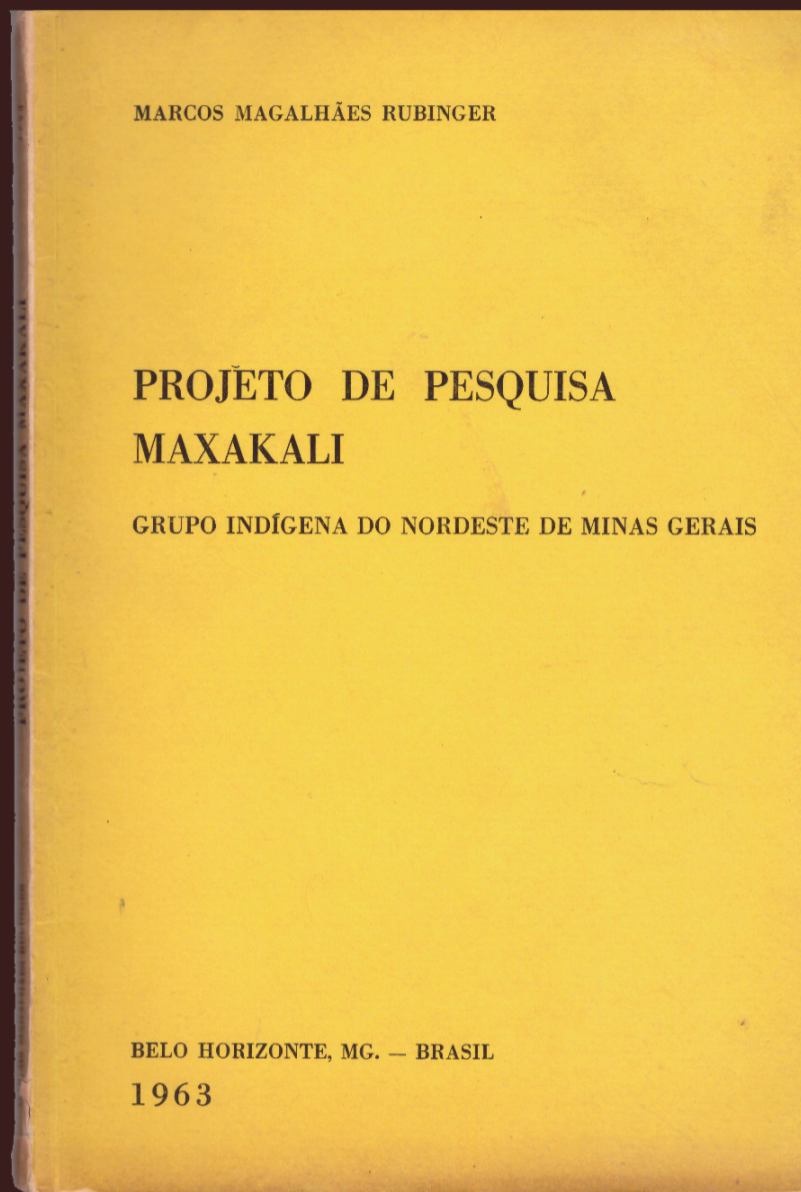
- 1) Revista de Antropologia: (Universidade de S. Paulo, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras)
- 2) America Indígena: (Instituto Indigenista Internamericano, México D.F.)
- 3) Ethnology: (Editada por G.P.Murdock, Univ. of Pittsburgh Press, (USA))
- 4) American Anthropologist: (USA)
- 5) Boletim do Museu Nacional: (Rio)
- 6) Boletim do Museu Goeldi: (Belem do Pará)
- 7) Cahiers du Monde Russe et Sovietique: (Editada na França P/Mouton & Co.)

MRR/

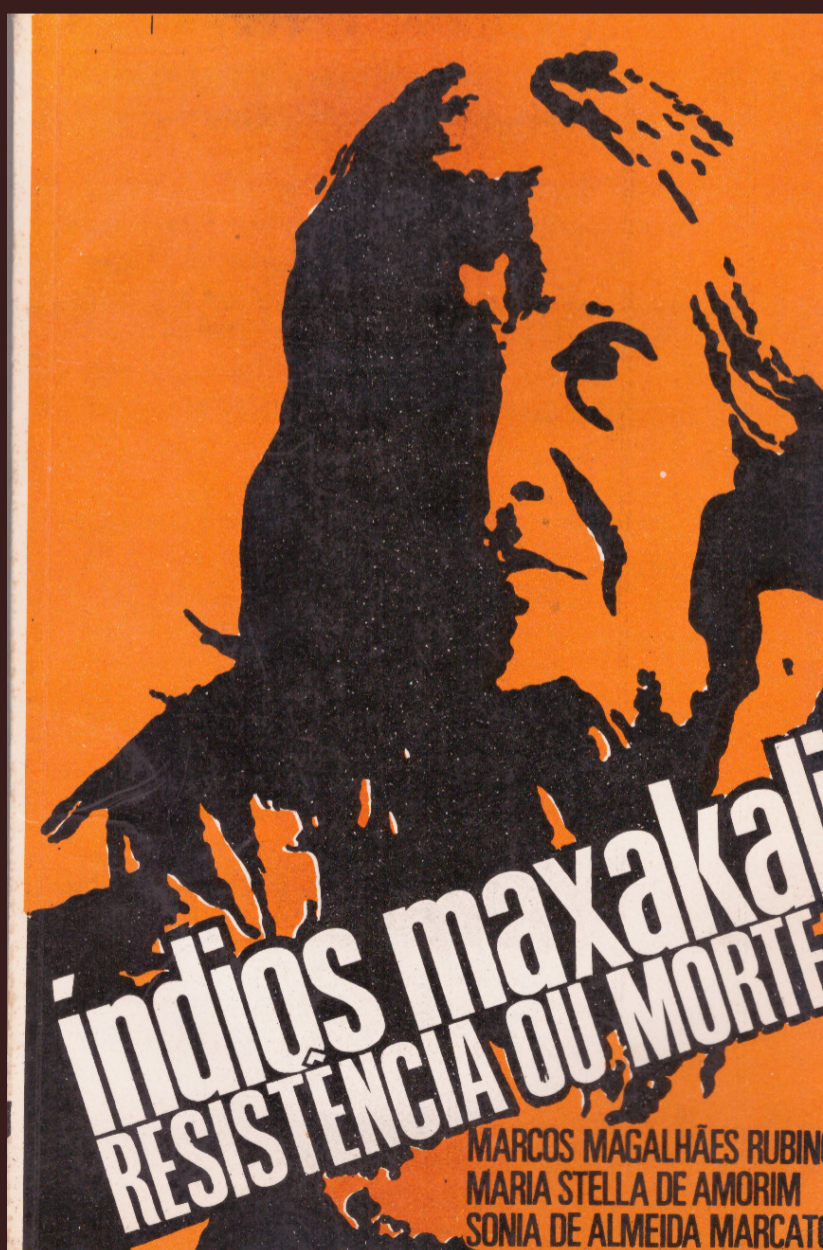
PUBLICAÇÕES DE MARCOS MAGALHÃES RUBINGER



Antropologia e Ciência Política – 1958



Projeto de Pesquisa Maxacali – 1963



Índios Maxacali: resistência ou morte – 1980 (publicação póstuma, em co-autoria com Maria Stella de Amorim e Sonia Marcato)

MARIA ANDRÉA LOYOLA (1941)

No início do ano letivo de 1964, a FACE contrata Maria Andréa Loyola para assumir a cadeira de Antropologia. Indicada por Roberto Cardoso de Oliveira, Maria Andréa conheceu Rubinger no curso de Especialização em Antropologia Social do Museu Nacional. Assim ela se recorda de sua iniciação como professora, ocorrida em cenário tão conturbado:

“Na verdade, lembro-me muito pouco daquela época. Principalmente que foi o primeiro curso universitário que ministrei e que foi muito sofrido. Que a primeira aula estava lotada e tinha gente em pé e assistindo até na área de vidro que tinha naquela época e que eu tremia feito vara verde. Além de muito jovem e inexperiente, estava substituindo o Rubinger, um professor famoso e muito querido que tinha sido preso” (entrevista por email a Candice Vidal e Souza, 8/06/2005).

O programa de curso de Maria Andréa Loyola contém as mesmas unidades temáticas do programa de Marcos Rubinger. Foram acrescentadas na parte “Antropologia Brasileira” as seções “Aculturação e fricção interétnica nas áreas brasileiras” e “Mudança cultural: obstáculos e resistência culturais ao desenvolvimento econômico e social”.

PROGRAMA DE MARIA ANDRÉA LOYOLA 1966

CURSO DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

1º ano/1966

Programa da cadeira de ANTROPOLOGIA

I - ANTROPOLOGIA GERAL

- 1) Desenvolvimento, natureza e objeto da Antropologia.
- 2) Evolução biológica do Homem
- 3) Evolução cultural do Homem
- 4) Herança biológica, raça e racismo.
- 5) Conceito de cultura.
- 6) Sistemas adaptativos da Cultura.
- 7) Sistemas associativos da Cultura.
- 8) Sistemas Ideológicos da Cultura.
- 9) Teoria da Cultura: Evolucionismo, Difusionismo, Funcionalismo e Configuracionismo.
- 10) Contato, aculturação e assimilação.
- 11) Noções da teoria e pesquisa em Antropologia Social.

II - ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

- 1) Formação étnica e cultural da sociedade brasileira.
- 2) Regiões culturais do Brasil.
- 3) Aculturação e fricção interétnica nas áreas brasileiras.
- 4) Antropologia aplicada: Políticas, indigenista, imigratória e racial.
- 5) Aspectos da evolução da Etnologia no Brasil
- 6) Mudança cultural; obstáculos e resistência culturais ao desenvolvimento econômico e social.

EXPOSIÇÃO 34ª RBA

A ANTROPOLOGIA NA UFMG ENTRE OS ANOS 1940 E 1992: presenças na FAFICH e na FACE



Esta exposição se apoia em pesquisas iniciadas nos projetos coordenados por Candice Vidal e Souza.

“Hierarquias intelectuais e lutas de classificação nas ciências sociais: a construção da posição institucional da Antropologia em Minas Gerais” (CNPq, 2004-2005).

“Reconstruindo trajetórias intelectuais no ensino de Antropologia em Minas Gerais: organização e análise da documentação acadêmica do Arquivo FAFICH/ UFMG e do Acervo Marcos Magalhães Rubinger” (FAPEMIG, 2007-2009).

Referências:

IGLÉSIAS, Francisco. Entrevista. *Ciência Hoje* v. 13, n. 73, junho de 1991.

SABARÁ, Romeu. A Antropologia em Minas: “Depoimento”. Trabalho apresentado à disciplina Problemas Brasileiros. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/ UnB, 1975.

SOUZA, Candice Vidal e. O ensino de Antropologia em Belo Horizonte. In: Cornelia Eckert; Emília Pietrafesa de Godoi. (Org.). *Homenagens Associação Brasileira de Antropologia 50 Anos*. 1ed. Florianópolis: Nova Letra, 2006, v. 1, p. 1-408.

SOUZA, Candice Vidal e. A documentação do antropólogo Marcos Magalhães Rubinger e os vestígios do ensino e da pesquisa em Antropologia nos anos 1960. In: Isabel Travancas; Joëlle Rouchou e Luciana Heymann. (Org.). *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, v. 1, p. 165-186.

SOUZA, Candice Vidal e. Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, p. 499-520, 2016.

SOUZA, Candice Vidal e. Arquivos de pessoas e instituições em movimento: reflexões a partir de pesquisas com antropólogos no Brasil. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 30, p. 192-205, 2017.

ACERVOS CONSULTADOS

Hemeroteca Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa

Arquivo Edgar Leuenroth/Unicamp

Acervo Marcos Magalhães Rubinger depositado no Museu de História Natural da UFMG

Arquivos FAFICH/UFMG

Arquivo Público Mineiro – Fundo João Dornas Filho

FONTES DOCUMENTAIS

Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1939-1953). Belo Horizonte, 1953.

Encadernações de Programas FAFICH/UFMG

Programas de disciplinas FACE/UFMG

Suplemento Literário do Minas Gerais (21 de outubro de 1967)

FICHA TÉCNICA

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS) – Pesquisa e organização de material

Mizzian Reila Rabelo Lages (Museu PUC Minas) – Projeto gráfico e preparação visual

Ana Paula Plazzi (Museu PUC Minas) – Projeto expográfico

Marcus Vinícius Araújo Estrela Varela (Museu PUC Minas) – Montagem

AGRADECIMENTOS

Rodrigo Rebelo Horta, Simão Rebelo Horta e Carolina Rebelo Horta; Martinho Rebelo Horta (pai e filho); Jiçara Martins e Felipe Bruno Martins Fernandes; Fernando Corrêa Dias (in memoriam), Christiano Tambascia e equipe do Arquivo Edgar Leuenroth/Unicamp; Departamento de Administração de Pessoal/UFMG, Conceição Rubinger, Josefina Pimenta Lobato e todas as professoras e professores entrevistados desde 2004. Henrique Paprocki (Coordenador do Museu de Ciências Naturais PUC Minas) e Jorge Sündermann (Secretário de Cultura – SECAC PUC Minas)